



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

José António das Neves

Dedicação e trabalho em 27 anos de bons serviços

A Santa Casa da Misericórdia de S. João da Madeira teve a bem-aventurança de beneficiar na direcção dos seus destinos, pelo passar dos decénios, do envolvimento, empenho e atenção das maiores figuras sanjoanenses que o século conheceu, vultos que vimos nestes artigos recordando, disseminando através da sua biografia, a história da cidade, o processo de edificação desta nobre obra social, e difundir condutas e valores exemplares, dignas de serem conhecidos de toda a comunidade e das gerações mais novas. José António das Neves, pela dedicação continuada, pelos relevantes serviços prestados, e, ainda, pelo legado que deixou, emparceira entre essas personalidades maiores.

Secundando muitos conterrâneos seus daquela época, cedo emigrou para o Brasil onde, com trabalho e dedicação, atingiu o objectivo comum aos emigrantes de “torna-viagem” (por vezes com a “torna” a demorar mais que o previsto): amealhar um pecúlio, que no seu caso atingiu a grandeza de uma fortuna, e regressar ao torrão natal. Assim sucedeu neste caso e, ainda solteiro e relativamente novo, José António das Neves regressa a S. João da Madeira onde adquire propriedades, constrói habitação, compra uma carruagem de cavalos, e entra para sócio capitalista de várias empresas, entre elas avultando a Oliva, a cuja estrutura societária pertence desde a fundação.

Apesar de ter namorado com uma senhora de S. João da Madeira não chegou a casar e manteve-se solteiro até ao fim dos seus dias. Esta condição acabou por lhe permitir dar asas a outros sonhos. Além de ser um homem com disponibilidades de tempo, reconheciam-se-lhe qualidades de cavalheiro pela correcção, eficiência e discrição, qualidades que o faziam respeitado e procurado para missões de grande dádiva voluntária.

O seu partido era a sua terra - S. João da Madeira

Deste modo, veio a colaborar e a viver intensamente todos os projectos de progresso da sua terra. Foi vereador municipal, logo em 1926, aquando da independência concelhia, e exerceu ainda os cargos de Administrador do Concelho, Delegado Policial e Vice-Presidente da Câmara.

A Misericórdia foi certamente “a menina dos seus olhos” pois desde o início apareceu nos órgãos sociais, dedicado a trabalhar. A atestar a asserção constata-se ter sido eleito mordomo logo na primeira Assembleia Geral de Irmãos, recolhendo a totalidade dos votos (50) validamente expressos, em sufrágio universal e secreto. A expressividade desta eleição fica documentada se lembrarmos que nem todos os mordomos recolheram tal unanimidade, com um a ficar-se pelos 33 votos e um outro pelos 24 votos... Recordamos estar em 1922, na vigência da Primeira República e após 1ª Grande Guerra Mundial, época em que as quezílias partidárias se haviam extremado com as nefastas consequências conhecidas, que vieram agravar a miséria no país. Os partidos políticos não se entendiam, o país estava sem rumo e por isso, os chefes locais dos partidos eram duramente penalizados nas votações. José António das Neves, homem cordato e então consensual, posicionava-se politicamente pelos interesses da sua terra. Ou seja, como vulgarmente



se dizia, “o seu partido era sua terra - S. João da Madeira”. Esta postura combinava perfeitamente com a orientação do primeiro Provedor, Oliveira Júnior, cujo prestígio e ponderação nunca permitiu que na Santa Casa pudesse campear a política partidária, importante directiva que se manteve presente até aos nossos dias, seguida como uma das regras basilares da instituição.

O braço direito do Provedor: de mordomo a secretário

Dois anos passados e dado o bom trabalho realizado, o Provedor Oliveira Júnior reclama novamente os seus serviços e entrega-lhe o cargo de secretário, um dos mais exigentes da Mesa Administrativa. A partir desta data as actas da Assembleia Geral passam a ser redigidas na excelente e precisa caligrafia deste nosso homenageado.

Oliveira Júnior confiava plenamente em José António das Neves e contou com o seu esforço e trabalho para alcançar muitas das proveitosas realizações da sua venturosa provedoria. No ano de 1934 Oliveira Júnior adoeceu, condição que o obrigou a prolongadas ausências, vindo a falecer em Janeiro de 1935. Durante este tempo a gestão da Misericórdia manteve-se normal, pois o braço direito do Provedor encarregou-se de lhe dar o devido seguimento.

O caminho para a provedoria

Com a morte de Oliveira Júnior faz-se nova eleição e seu filho António José Pinto de Oliveira é eleito Provedor, continuando José António das Neves na Mesa Administrativa, como secretário, com atribuições reforçadas pois a falta de saúde do grande industrial sanjoanense, fundador da Oliva, não lhe permitia a assiduidade que o cargo exigia.

Foi o Secretário José António das Neves que durante 17 meses acompanhou o quotidiano da Misericórdia, com tal capacidade que o próprio Provedor, no final, lhe agradeceu a valiosa e efectiva colaboração que lhe permitiu concluir dignamente o mandato. Ainda como reconhecimento das qualidades de José António das Neves e na consciência de que este era, nessa altura, o melhor preparado para gerir e dar continuidade à obra iniciada por seu pai, Pinto de Oliveira apresenta à Assembleia Geral de Irmãos, em Julho de 1936, uma lista que propunha para os órgãos directivos, José António das Neves como Provedor, lista que a assembleia

aprova por aclamação.

Discreto e trabalhador

Inicia-se assim um novo ciclo na Misericórdia com um Provedor que, não tendo o carisma do primeiro, era um profundo conhecedor do quotidiano da instituição. Sobre o início do seu mandato, escreve Pais Vieira Júnior: “Foram de continuidade e gestão tranquila os primeiros tempos de provedoria de José António das Neves. A sua presença diária na Instituição possibilitava a solução rápida, com autoridade e conhecimento de causa, das questões que ultrapassavam a competência dos Directores ou encarregados de serviço, sem ruído nem alarde.” O hospital manteve o seu movimento normal na sua missão de socorrer os doentes, as intervenções cirúrgicas vulgarizaram-se, o asilo manteve a frequência e foi construído um balneário hidroterápico para doentes internos e externos.

Volvidos dois anos é reeleito para outro mandato na provedoria, desta vez acompanhado de algumas das mais importantes figuras da vida política concelhia da época, entre elas, o Presidente da Câmara Municipal. Começa aqui um momento menos feliz da Santa Casa. A família sanjoanense, já desagregada por desavenças pessoais, transferiu para a Misericórdia lutas que não faziam sentido e que afastavam Irmãos, quando todos eram poucos para cumprir tão árdua missão.

A grande cizânea

José António das Neves, não sendo um homem de carácter irradiante ou figura de grande protagonismo, não conseguiu quebrar as afrontas e dominar pessoalmente a situação. O azedume estendeu-se à família Garcia, do Rio de Janeiro, que fechou a torneira das dádivas e constringiu as finanças da Misericórdia.

Em mandatos sucessivos foi reeleito Provedor até ao final de 1948. Persistente, trabalhador e assíduo, foi combatendo as muitas contrariedades que surgiam e manteve a Misericórdia a prestar relevantes serviços aos mais desfavorecidos. O hospital atendia por dia, em média, trinta doentes carenciados que nada pagavam por consultas, tratamentos, medicamentos e internamentos. Como dizia o Dr. Joaquim Milheiro “os benefícios prestados pelo banco hospitalar são incalculáveis”.

Agudizam-se as tensões

Entretanto, e fruto da grande cizânea entre os próceres locais, o cargo de Provedor passou a ter relevância política pois dava direito a um voto no colégio eleitoral que escolhia os membros da Câmara Municipal.

A 8 de Janeiro de 1949, com as duas facções da comunidade sanjoanense extremadas, dá-se a eleição de António Henriques para Provedor passando José António das Neves a mordomo. Assim termina, abrupta e ingloriamente, a sua provedoria, iniciada sob tão risonhos auspícios em 8 de Junho de 1936. Foram 12 anos e ½ de dedicação, a somar aos 14 e ½ em que exerceu outros cargos na Mesa Administrativa, contando-se ininterruptamente presente neste órgão directivo desde a fundação da Santa Casa até ao dealbar de 1949. Neste ano, no mesmo dia das eleições, dá posse à nova Mesa Administrativa e, doente e amargurado,

comparece como mordomo às duas sessões seguintes, em que foram aprovadas as contas do exercício findo, decorrido sob sua provedoria. A partir de então, sem que tenha renunciado ao cargo para que fora eleito, não mais compareceu.

Afastado, na sua residência no lugar da Quintã, e praticamente ignorado, principalmente desde que fica quase imobilizado por efeito de uma fractura óssea, vindo a falecer a 16 de Dezembro de 1952.

Um memorável legado de 510.000,00 €!!!

O seu amor ao torrão natal e em especial à Misericórdia nunca esmoreceu. No seu testamento, elaborado em 23 de Fevereiro de 1950, contemplou a família, deixou verba bastante para o pagamento integral da residência paroquial (ainda a actual) e não esqueceu as instituições beneficentes, entre elas a Santa Casa que em vida tão devotadamente serviu. Aplicando o coeficiente de actualização adequado, só para a Misericórdia José António das Neves deixou um montante equivalente a cerca de 510.000,00 €!

Em 12 de Janeiro de 1954, já com a Misericórdia pacificada, a Comissão Administrativa presidida por Benjamim Valente da Silva deliberou, como acto de inteira justiça, elevar José António das Neves à qualidade de Irmão Benemérito. Em 21 de Fevereiro de 1954, em sessão solene muito participada, com a presença das mais altas individualidades do concelho, foi homenageado este Irmão com elogios de muitos daqueles que com ele tiveram o prazer de trabalhar e conviver, e com a aposição de um quadro a óleo no Salão Nobre.

Depois do Presidente da Câmara, Dr. Renato Araújo, e do Pároco António Moura de Aguiar, usou da palavra o Dr. Nicolau Soares da Costa, médico prestador no hospital dos princípios desta unidade, que nos termos transcritos em “A Grei Sanjoanense” de 27 de Fevereiro de 1954, afirmou: “José António das Neves foi aquela pessoa dedicada e desinteressada a cumprir com naturalidade e pontualidade inexcedíveis os deveres do seu cargo. Ele que tão avaramente queria ao produto do seu trabalho honesto, (...) nada gastou para esperar no fim da sua vida que alguém apenas lhe lembrasse o que deveria fazer para felicidade dos seus e da terra onde nasceria.

Um homem assim merece todas as homenagens (...) No meu coração guardarei, enquanto viver, pela memória de José António das Neves, a minha gratidão e admiração eternas, fazendo votos para que o seu exemplo persista e frutifique num manancial inesgotável de caridade e conforto para os pobres da nossa terra!

Ainda na mesma sessão, Belmiro António da Silva, futuro presidente da Mesa da Assembleia-geral afirma: “Durante anos, numa constância e firmeza de todos os dias, primeiro como tesoureiro e depois como provedor, ele houve-se em dedicação nos serviços que prestou a esta Casa.

(...) Da sua extraordinária benemerência, ditada em vida para ser cumprida depois da morte, fala toda uma terra que não cessa ainda de louvar o memorável legado; fala esta Santa Casa na significativa homenagem póstuma à sua memória – à memória de quem, em vida, foi seu provedor e, na morte, seu benemérito.

Terminamos tal como Belmiro Silva: “Bem-haja, pois, a memória de José António das Neves.”